



**UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE**

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

LICENCIATURA EM PSICOLOGIA ESCOLAR E DAS

NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

**Estratégias utilizadas pelos estudantes de Psicologia Escolar e das
Necessidades Educativas Especiais para suprir défice de língua de sinais na
intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva**

MONOGRAFIA

Neyma Cátia Zavale

Maputo, Julho de 2024



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM PSICOLOGIA ESCOLAR E DAS
NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Estratégias utilizadas pelos estudantes de Psicologia Escolar e das
Necessidades Educativas Especiais para suprir défice de língua de sinais na
intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva

Monografia apresentada ao departamento de Psicologia como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais.

Supervisor: dr. Etelvino Mutatisse

Local de pesquisa: Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane

Maputo, Abril de 2024

DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE

Esta monografia foi julgada suficiente, como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais e aprovada na sua forma final pelo Departamento de Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane.

Director do curso

O presidente do júri

Oponente

Supervisor

AGRADECIMENTOS

Louvo a Deus Todo-poderoso, aquele que dá a vida, protege, cuida e ensina aos seus filhos a permanecerem no caminho da verdade, possibilitando a minha jornada pelo privilégio de realizar o meu sonho. Sem a presença dele não seria possível concretizar esta formação.

Aos meus Pais, Camilo Zavale e Celina Nhamposse, agradeço pelo amor e educação dada ao longo da vida, pelo apoio incondicional e paciência tanto em momentos bons como difíceis, pelo incentivo de enfrentar os problemas e nunca desistir de lutar para poder alcançar os meus objectivos.

Endereço agradecimentos aos meus irmãos, Chude Maria, Fayed Camilo, Francisco Zavale, pelo incentivo e apoio, ajudam-me a ser uma pessoa melhor todos os dias, em especial ao Fayed pelo encorajamento.

Ao meu cunhado José Abel Moiane e a minha irmã Chude Maria Zavale por serem os perceptores dos meus estudos, por cuidarem da minha filha como se fosse deles. Dedico a minha filha Nayel Celia Matsombe e aos meus sobrinhos Shermila Moiane, Bobotinho.

De forma especial agradeço ao meu namorado, Elton Agnaldo Matsombe pelo amor, carinho e apoio incondicional, por nunca me deixar desistir dos meus objectivos.

Agradeço ao meu supervisor dr. Etelvino Mutatisse, pela assistência desde a primeira fase da concepção do projeto voltado a elaboração desta monografia, pela dedicação demonstrada e apoio.

Ao corpo técnico administrativo da Faculdade de Educação, agradeço pelo contributo prestado durante o processo de formação.

Agradeço a todos que directa ou indirectamente estiveram por perto nestes anos dando suporte e apoio.

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a meus Pais, pela confiança que sempre depositaram em mim, desde o primeiro ano de Faculdade, pelo esforço feito para que não faltasse algo no processo de formação.

DECLARAÇÃO DE HONRA

Declaro por minha honra que a presente monografia nunca foi apresentada para obtenção de qualquer grau acadêmico e que a mesma constitui resultado do meu labor individual, estando indicadas ao longo do texto e nas referências bibliográficas todas as fontes utilizadas.

Assinatura

(Neyma Cátia Zavale)

LISTA DE ABREVIATURAS

DA Deficiência Auditiva

FACED Faculdade de Educação

LSM Língua de Sinais de Moçambique

NEE Necessidades Educativas Especiais

PENNE Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais

UEM Universidade Eduardo Mondlane

RESUMO

A pesquisa tem como objectivo de debate: analisar as estratégias que os estudantes de Psicologia Escolar e Necessidades Educativas Especiais têm utilizado para suprir o défice da língua de sinais na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva, ancorando-se aos seguintes objectivos específicos: (i) identificar junto dos estudantes de Psicologia Escolar e Necessidades Educativas Especiais os constrangimentos tidos na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva; (ii) explicar as estratégias utilizadas pelos estudantes de Psicologia Escolar e Necessidades Educativas Especiais na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva; (iii) Comparar as estratégias identificadas com as propostas pela literatura. Para o alcance dos objectivos propostos, a pesquisa baseou-se em uma abordagem qualitativa, exploratória de natureza aplicada. Como técnica de recolha de dados foi adoptada a entrevista semi-estruturada pela sua vantagem em incentivar o entrevistado a falar livremente sobre assuntos que vão surgindo com desdobramento do tema principal, tendo sido usado o guião de entrevista semi-estruturada. A Amostra foi constituída por (15) elementos seleccionados com base da amostragem intencional sendo feita na FACED da Universidade Eduardo Mondlane. A Análise de dados permitiu-nos concluir o que os estudantes de Psicologia Escolar fazem uso de recursos não padronizados para se fazer perceptível durante a intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva, por falta de uma disciplina específica que aborde com profundidade assuntos inerentes a LSM. A inserção desta disciplina poderá impulsionar a capacitação dos estudantes em relação à língua de sinais, para que os estudantes respondam de forma efectiva as dificuldades da criança com deficiência auditiva.

Palavras-chave: Estratégias; Deficiência auditiva; Língua de Sinais.

ABSTRACT

The present study aims to know the strategies that students of School Psychology and Special Educational Needs have used to overcome the deficit of sign language in the intervention in case of students with hearing impairment, anchoring itself to the following specific objectives: (i) identify among students of School Psychology and Special Educational Needs the constraints had in the intervention in cases of students with hearing impairment; (ii) to explain the strategies used by students of school Psychology and Special Educational Needs in the intervention in cases of students with hearing impairment (iii) Compare the strategies identified with those proposed by the literature. To achieve the research the proposed objectives, the research was based on a qualitative, exploratory approach of an applied nature the semi-structured interview was adopted for its advantage of encouraging the interviewee to speak freely about subjects that arise with the unfolding of the structured interview script was used. Sample consisted of (15) elements selected based on the intentional sampling being made FACED of Eduardo Mondlane University. The data collected allowed us to conclude what students of School Psychology make use of non-standard resources to make themselves noticeable during the intervention in case students with hearing impairment, for lack of a specific discipline that addresses in depth insertion of this discipline may boost the relation to sign language, so that students respond effectively to the difficulties of the child with hearing impairment

Keywords: Strategies, Hearing deficiency, sign language

INDICE

DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE	I
AGRADECIMENTOS	II
<u>DEDICATÓRIA</u>	III
DECLARAÇÃO DE HONRA.....	IV
LISTA DE ABREVIATURAS	V
RESUMO	VI
ABSTRACT.....	VII
INDICE DE TABELAS.....	X
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Problematização	2
1.2. Objectivos.....	4
1.2.1. Objectivo geral	4
1.2.2. Objectivos específicos	4
1.3. Questões de pesquisa.....	4
1.4. Justificativa.....	4
CAPÍTULO II: REVISÃO DE LITERATURA	6
2.1. Necessidades Educativas Especiais.....	6
2.1.1. Deficiência Auditiva.....	7
2.1.2. Causas.....	7
2.1.3. Classificação dos níveis da deficiência auditiva.....	8
2.1.4. Impacto da perda auditiva na aprendizagem	8
2.2. Língua de Sinais em Moçambique	10
2.2.1. Psicólogo Escolar e de Necessidades educativas especais	11
2.2.2. Estratégias interventivas em casos de alunos com Necessidades Educativas Especiais	11
CAPÍTULO III: METODOLOGIA DA PESQUISA	13
3. Descrição o do local da pesquisa.....	14
3.1. Tipo de pesquisa.....	14
3.2. População e Amostra.....	15
3.2.3. Critérios de inclusão	16
3.2.4. Critérios de exclusão	16

3.3. Técnicas de colecta de dados	17
3.3.1. Entrevista semi-estruturada	17
3.3.2. Análise documental	17
3.4. Procedimentos de colecta e análise de dados	18
3.5. Procedimentos éticos da pesquisa	18
3.6. Limitações da pesquisa.....	18
Capítulo IV: Apresentação e Discussão dos Resultados.....	19
Caracterização da Amostra.....	20
4.1. Discussão dos Resultados.....	20
4.2. Dados do segundo objectivo	24
4.3. Dados do terceiro objectivo.....	26
CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	29
5.1. Recomendações	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
ANEXOS	IX
ANEXO 1: Guião de entrevista dirigido aos estudantes e os respectivos objectivos	IX
ANEXO 2: Folha de informação de consentimento informado, livre e esclarecido	X
ANEXO 3: Respostas da entrevista dirigida aos estudantes de PENEE	XII

INDICE DE TABELAS

Tabela 1: Classificacao dos niveis de deficiencia.....	8
Tabela 2:Dados da pesquisa.....	20

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

O curso de Licenciatura em Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais da Universidade Eduardo Mondlane é composto por matérias que visam habilitar o futuro profissional com conhecimentos que auxiliam no desenho de estratégias a serem aplicadas na intervenção de alunos com NEE. Tais conteúdos compreendem, para além de assuntos genéricos, (Psicologia Geral, Educacional, Cultural, entre outras) matérias específicas como: abordagem do atraso mental, práticas profissionais nas escolas, intervenção específicas aplicada as NEE e muito mais. Contudo, ao longo do curso foi possível notar a ausência de uma disciplina que aborda com profundidade e prática suficiente para criar competências de comunicação aos estudantes em casos de intervenção de alunos com DA, à saber Língua de Sinais de Moçambique.

Tendo em consideração que a linguagem está presente no quotidiano e constitui um pilar essencial para a construção do sujeito, a ausência da cadeira supracitada pode causar problemas no atendimento se não houver total domínio da mesma. Neste sentido, por compreender que a falta de domínio da LSM pode prejudicar os estudantes durante a intervenção com alunos surdos, surge o interesse em desenvolver esta pesquisa, para entender como um estudante sem conhecimento mínimo de língua de sinais pode interagir com alunos com DA.

Nesta perspectiva, com o desígnio de perceber as acções dos estudantes perante um aluno com deficiência auditiva, despertou na pesquisadora o interesse em analisar as estratégias utilizadas pelos estudantes de PENE, para suprir o défice de Língua de Sinais na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva sendo elaborada a presente pesquisa como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais.

Para garantir melhor compreensão, o trabalho encontra-se organizado em V capítulos. O Capítulo I apresenta a introdução, incluindo a formulação do problema, objectivos da pesquisa (geral e específicos), as perguntas de pesquisa e a justificativa do estudo. O Capítulo II, é composto pela revisão de literatura onde são discutidos elementos-chave concernentes ao tema pesquisado. No Capítulo III apresentamos a metodologia onde se faz a descrição do local do estudo, tipo de pesquisa, a população e a caracterização da amostra, as técnicas de recolha e análise de dados, os procedimentos de colecta e análise de dados, procedimentos éticos da pesquisa e limitações do estudo. No Capítulo IV é feita apresentação e discussão dos dados e no Capítulo V, destacam-se

as conclusões e sugestões do estudo e por fim faz-se menção as referências bibliográficas consultadas e os anexos (guião de entrevista e termo de consentimento livre e esclarecido).

1.1. Problematização

No processo de intervenção psicoterapêutico em caso de aluno com deficiência auditiva, o estudante de Psicologia Escolar e de NEE pode enfrentar dificuldades resultantes do défice no seu processo de formação, pois com o fraco domínio da língua de sinais o futuro profissional vê-se limitado e com dificuldades ao intervir, como estudante não teve na sua componente curricular, neste caso o Currículo Ajustado de Licenciatura em Psicologia (2012) do Departamento de Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane, a disciplina Língua de Sinais de Moçambique.

Necessidades Educativas Especiais são aquelas sentidas em alunos que exibem determinadas condições específicas, podendo necessitar de apoio de serviço de Educação Especial durante ou em todo seu percurso escolar, para facilitar o seu desenvolvimento académico, pessoal e sócio-emocional (Correia, 1997). Com isso, os estudantes de Psicologia devem estar capacitados em diversas áreas, pois um estudante capacitado poderá promover uma aprendizagem mais consentânea com especificidades através do desenho de planos individuais de instrução.

Contudo, os alunos com NEE por vezes vêm-se privados de frequentar escola por falta de profissionais que possam acompanhá-los e que promovam uma educação sistemática no fim da qual possam se tornar cidadãos independentes e úteis à sociedade.

O Psicólogo Escolar auxilia o aluno em situações que exijam ajustamento e adaptação, promove e cria estratégias usando instrumentos e técnicas acompanhadas de teorias científicas adequadas para melhorar o aproveitamento académico do aluno, contribuindo para o desenvolvimento do mesmo (Sousa & Sotero 2023), esse processo é facilitado através da comunicação podendo haver dificuldades se o psicólogo for ouvinte e o paciente surdo, caso não haja domínio na língua de sinais por parte do psicólogo dificultando a compressão daquilo que é dito pelo aluno.

As instituições públicas que se dedicam a formação de profissionais de educação (UP e UEM) não oferecem capacitação suficiente em LSM, aos seus formandos para intervir em caso de alunos com deficiência auditiva, e quando oferecem capacitação, não corresponde às exigências de uma política de inclusão escolar. As instituições devem reflectir sobre a importância da língua de sinais para o psicólogo, pois este deve estar preparado para trabalhar com pessoas surdas em qualquer

lugar, portanto, se este não tiver o conhecimento da língua sinais representa um entrave no trabalho de integração deste indivíduo. (Chambal 2007).

O défice na formação pode desencadear várias problemáticas para o estudante de Psicologia escolar, pelo facto do mesmo ter fraco domínio na língua de sinais, podendo excluir o aluno com deficiência auditiva, restringindo-se apenas alunos com linguagem oral, pois para comunicar-se deve ter conhecimento da língua de sinais, desta forma só com especialização adequada pode-se promover um atendimento mais inclusivo atendendo as particularidades do aluno com deficiência auditiva.

Segundo o último censo populacional feito ano de 2017, Moçambique conta com 727.620 pessoas com NEE, as quais 68.000 pessoas com deficiência auditiva que na maioria não tem acesso à educação e a informação, o que faz com que não participem activamente para o desenvolvimento do país, criando lacunas ao nível da sociedade moçambicana (AIM,2023). No ensino de psicologia deve-se ter em conta a aprendizagem da língua de sinais, visto que o número de pessoas com deficiência auditiva que necessita de atendimento é vasto, porém, o número de psicólogos para atendê-los é reduzido devido ao fraco domínio da língua de sinais (Mattioni, 2018).

A Escola de Educação Especial № 1, é uma das escolas onde a pesquisadora observou o fraco domínio da língua de sinais tendo sido constatado no âmbito da realização de algumas actividades práticas tidas no decorrer da formação, percebendo que muitos estudantes isolavam-se de alunos com surdez profunda e severa, dando primazia algumas crianças com surdez leve e moderada ou que faziam uso de aparelhos amplificação sonora ,desta forma avaliando-se que o número de estudantes capacitados para intervir em casos de crianças com deficiência auditiva é reduzido, dificultando o acesso das mesmas aos serviços de Psicologia, e é nesse contexto que surge a seguinte questão de estudo: Que estratégias os estudantes de Psicologia Escolar e Necessidades Educativas Especiais têm utilizado para suprir o défice da língua de sinais na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva?

1.2. Objectivos

1.2.1. Objectivo geral

- Analisar as estratégias que os estudantes de Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais têm utilizado para suprir o défice da língua de sinais na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva;

1.2.2. Objectivos específicos

- Identificar junto dos estudantes de Psicologia Escolar e de Necessidades Educativas Especiais os constrangimentos tidos na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva;
- Explicar as estratégias utilizadas pelos estudantes de Psicologia Escolar e de Necessidades Educativas Especiais na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva;
- Comparar as estratégias identificadas com as propostas pela literatura.

1.3. Questões de pesquisa

- Que constrangimentos os estudantes de Psicologia Escolar e Necessidades Educativas Especiais têm tido na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva?
- Que estratégias são utilizadas pelos estudantes de Psicologia Escolar e Necessidades Educativas Especiais na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva?
- Que relação têm as estratégias mencionadas pelos estudantes com as propostas pela literatura?

1.4. Justificativa

O interesse no estudo desta temática foi despertado pelo facto da pesquisadora ter enfrentado dificuldades nas aulas práticas das disciplinas de Práticas Profissionais nas escolas e de Intervenção Específica as NEE. A escola em causa localiza-se no centro da cidade de Maputo, onde se trabalha com crianças com Necessidades Educativas Especiais do tipo auditivo.

A pesquisadora observou a falta de domínio nos estudantes de PENE em lidar com crianças com deficiência auditiva alegando não ter aprendido durante a sua formação (neste caso, UEM), despertando-se o interesse em analisar as estratégias por eles utilizadas para suprir o défice da língua de sinais na intervenção em caso de alunos com deficiência auditiva.

No âmbito científico, espera-se que este estudo contribua para a reflexão na formação, capacitação de estudantes de Psicologia em relação à Língua de Sinais. De igual modo, os resultados desta pesquisa constituirão fonte de literatura para os estudos subsequentes.

Como futura profissional de PENEI, o estudo, para além de aprimorar conhecimentos relativos a inclusão de alunos com NEE (especificamente DA), permite uma reflexão concernente a necessidade da implementação da cadeira de LSM no currículo de PENEI da UEM, pois é evidente que no processo de ensino e aprendizagem quanto menos barreiras melhor será a intervenção trazendo benefícios para a sociedade, pois tanto os alunos como os profissionais de psicologia, contribuem de forma significativa no meio em que vivem com o conhecimento que eles agregam, sendo fundamental para o desenvolvimento social.

CAPÍTULO II: REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo são discutidos os principais conceitos apresentados pelos diferentes autores relacionados às estratégias que os estudantes de Psicologia Escolar e Necessidades Educativas Especiais têm utilizado para suprir o déficit da língua de sinais na intervenção em caso de alunos com deficiência auditiva. Algumas conclusões, resultantes de estudos feitos por outros investigadores em suas abordagens que vão nortear o presente capítulo.

2.1. Necessidades Educativas Especiais

Nielsen (1999), afirma que a expressão NEE refere-se a qualquer criança ou jovem que exiba discrepâncias significativas no que diz respeito a capacidade e o resultado que ela pode alcançar em seu exercício diário, e, que, por essa razão, necessita de serviços especiais para dar resposta as suas dificuldades. Por outro lado, Madureira e Leite (2003), definem NEE como sendo qualquer situação onde são evidentes as dificuldades de aprendizagem, ou seja, dificuldades em aceder ao currículo oferecido pela escola, exigindo um atendimento especializado conforme as características específicas do aluno.

Na sua perspectiva, Brennan (1988) citado por Correia (2008), considera que há necessidade educativa especial quando existe um problema físico, sensorial, intelectual, social, ou qualquer combinação destas problemáticas afectando a aprendizagem ao ponto de ser necessário acesso especial ao currículo, modificado ou especial, promovendo condições de aprendizagem adaptadas para que o aluno possa receber uma educação apropriada, classificando-se como ligeira, severa e podendo ser permanente.

Refletindo em torno dos posicionamentos acima referidos por cada autor é possível perceber que há unanimidade ao se referir às NEE. Neste sentido as NEE ocasionam a adaptação do currículo para dar resposta as dificuldades da criança, sendo consideradas crianças com necessidades educativas especiais, aquelas que necessitam de apoio em algum momento do seu percurso escolar, independentemente da sua deficiência física, sensorial, emocional, permanentes ou não permanentes, que afectam a aprendizagem necessitando de serviços centralizados, mudança significativas no currículo educacional adaptando-se as particularidades da criança para proporcionar uma educação inclusiva e de qualidade.

2.1.1. Deficiência Auditiva

De acordo com Neves (2007), *et al* citado pelo Instituto Politécnico de Leiria (2014), a deficiência auditiva consiste na perda parcial ou total da capacidade de ouvir. É considerado surdo todo o indivíduo cuja audição não é funcional no dia-a-dia. Por outro lado, de acordo com Campos (2012), entende que deficiência auditiva é a perda da habilidade de ouvir, que pode ser causada por qualquer alteração que fuja da normalidade no processo de audição, em que o indivíduo aprende o mundo por meio de contactos visuais, que consegue apropriar a Língua de Sinais de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento cognitivo, cultural e social.

Neste sentido com base nas definições apresentadas, pode-se considerar deficiência auditiva como uma alteração parcial ou total no processo natural de audição, sem ter em conta os factores, etiologia, e o grau que desencadearam a deficiência, é a diminuição da acuidade auditiva do indivíduo, ouvir e compreender sons que consequentemente desencadeiam técnicas de comunicação com outrem sendo através de LS.

2.1.2. Causas

Segundo Maspeitiol (1994), citado por Silva, (2008), as causas da deficiência auditiva podem ser hereditárias, adquiridas no pré-natal, no pós-natal. Dentre factores ambientais que acarretam a deficiência auditiva destacam-se as infecções, drogas e traumatismos cranianos.

Causas **pré-natais** provocadas por desordens genéticas e hereditárias; relativas à consanguinidade; doenças adquiridas pela mãe na época da gestação (rubéola, toxoplasmose, citomegalovírus) e exposição da mãe à droga ototóxicas (medicamentos que podem afectar a audição).

Peri-natais: surdez provocada mais frequentemente por parto prematuro, anoxia cerebral (falta de oxigenação no cérebro logo após o nascimento) e trauma de parto (uso inadequado de fórceps, parto excessivamente rápido, parto demorado).

Pós-natais: surdez provocada por doenças adquiridas pelo indivíduo ao longo da vida, como: meningite, caxumba, sífilis adquirida, sarampo. Além do uso de medicamentos ototóxicos, outros factores também têm relação com a surdez, como avanço da idade, exposição a ruídos altos, traumatismos cranianos (Silva, 2008).

2.1.3. Classificação dos níveis da deficiência auditiva

Tabela 1: Classificação dos níveis de deficiência

Fonte: Instituto Politécnico de Leiria (2014)

Classificação da deficiência auditiva	Limiares tonais	Grau de surdez
Normal	01 - 15 db	Normal
Suave	16 - 25 db	Leve
Leve	26 - 40 db	
Moderada	41 - 55 db	Média
Moderada severa	56 - 70 db	
Severa	71 - 90 db	Profunda 1.º grau (90 dB) 2.º grau (90 a 100 dB) 3.º grau (>100 dB)
Profunda	Acima de 91 db	

2.1.4. Impacto da perda auditiva na aprendizagem

Maioritariamente, as crianças surdas são provenientes de famílias ouvintes, e ao comunicarem-se faz-se recorrendo à linguagem oral, implicando a falta de comunicação da criança surda desde cedo. Assim a surdez acarreta várias dificuldades para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Em casos extremos, quando descoberta tardiamente ou por falta de estimulação precoce, as consequências podem ser mais graves ainda, portanto, é imprescindível que a surdez seja descoberta o mais precocemente possível.

A criança surda irá apresentar vocabulário débil, incorrecta utilização do tempo, género, número e pessoa nas frases, problemas na escrita de frases mais complexas e na utilização de pronomes, incoordenação de ideias e na exposição dos parágrafos, a má colocação dos sinais de pontuação, as frases estereotipadas e erros de omissão, substituição, adição e desordem na escrita das palavras (Bautista, 1997).

O indivíduo com DA pode apresentar grandes problemas na aprendizagem da leitura, poderá conseguir ler algumas palavras, mas não as compreenderá, devido à pobreza do vocabulário e da estrutura sintáctica, as dificuldades no emprego do código fonológico, o processo de leitura, na

escrita, a criança surda pode apresentar grandes dificuldades na formação de frases curtas e simples, com abundância de no mes e verbos, e fraca utilização de artigos e conjunções.

Segundo Godinho e Sih (2005) citado por Damasceno (2022), a deficiência auditiva em qualquer grau poderá acarretar dificuldade de aprendizagem. Na perda auditiva leve, ouve-se apenas quando as pessoas falam em voz alta, a criança tem dificuldade para ouvir a fala cochichando ou distante, podendo apresentar retardo leve na fala a exemplo das trocas de fonemas: “t” por “d”, “f” por “v”, “p” por “b”, “q” por “g”.

Contudo, Stampa (2009), afirma que criança com dificuldades em consciência fonológica geralmente apresentará atraso na aquisição da leitura e da escrita, pois corresponde ao conjunto de habilidades por meio da percepção acústica, sonora, da fala que possibilita a manipulação e a diversidade de possibilidades das unidades silábicas e fonémicas, sendo um pré-requisito para construção da linguagem escrita.

Os danos na aprendizagem que podem ser causados pela perda auditiva de grau leve podem ser indicados nos seguintes moldes: limitações nas habilidades de prestar atenção, de codificar, compreender, memorizar, manipular e usar efectivamente a informação auditiva, podendo levar até mesmo ao distúrbio do processamento auditivo central. Segundo Bauer (1999) citado por Souza (2017), A privação auditiva leve na criança, mesmo que temporária, ocasiona atraso na aquisição da fala; déficit de processamento auditivo; distúrbios na integração dos estímulos auditivo-visual (dificultando a leitura); déficit no desenvolvimento cognitivo; problemas de aprendizagem e desempenho escolar; distúrbios articulatorios, tanto ao nível de produção, compreensão e expressão verbal.

Perda auditiva moderada: para criança compreender a fala é necessária uma voz forte, principalmente em ambientes ruidosos, a criança não consegue escutar a maioria dos sons da fala durante a conversação, apresentando problemas na articulação, omissões, substituições e distorções na fala e dificuldades em palavras mais complexas, apresentando atrasos na linguagem.

Perda auditiva profunda: aprendizagem da linguagem oral que pode ser limitada, o facto de não possuírem informação auditiva impede a criança de identificar a voz humana, não adquirem linguagem naturalmente no ambiente familiar e não adquirem a fala para se comunicarem devido à ausência do modelo (Nogueira, 2019).

Percebe-se que a perda auditiva em crianças é uma incapacidade silenciosa, oculta, e se não diagnosticada precocemente e tratada, pode levar ao retardo no desenvolvimento da fala e da linguagem, problemas sociais, emocionais e ao insucesso escolar, interferindo no processo de aprendizagem, podendo acarretar insegurança isolamento social, afectando a autoestima, as actividades diárias, desencadeando, depressão, dificuldade em seguir e participar nas conversas, diminuição da produtividade .

2.2. Língua de Sinais em Moçambique

O acesso à escola para crianças, jovens e adultos surdos em Moçambique teve início em 1962, com a criação das escolas especiais privadas, através do Diploma Legislativo nº 2.288, de 25 de Setembro de 1962. Logo após a independência, e com a introdução do Sistema Nacional de Educação em 1983, o ensino de crianças, jovens e adultos com dificuldades de aprendizagem sofreu mudanças significativas no âmbito educativo. Conforme o artigo 18 da Lei nº 4/83, de 23 de Março, o ensino especial passou a proporcionar uma formação que permitisse a integração destas crianças, jovens e adultos em turmas especiais dentro das escolas regulares (Bavo e Coelho 2019).

O autor supracitado esclarece ainda que o artigo 9 postula que o Estado valoriza as línguas nacionais como património cultural e educacional, e promove o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas veiculares da identidade moçambicana e no plano legislativo reconhece-se a existência da Língua de Sinais (LS) para a população surda moçambicana.

Em Moçambique, desde 1998, com a introdução do Projeto Escolas Inclusivas, que as políticas educativas tentam direccionar o currículo para uma filosofia de inclusão, onde crianças e jovens com necessidades especiais, com e sem deficiência, possam estudar juntos numa escola regular e não serem segregados numa escola especial, pois os pais ouvintes têm domínio de línguas locais/bantu sendo que o primeiro contacto estabelecido com o filho surdo é oral (Língua Local) e talvez o português combinado com “gestos/sinais” não padronizados. (Silva, 2015). Nesse contexto, a criança surda exposta a uma língua vocal não adequada à sua condição de surdo, chega à escola sem uma língua estruturada, nem vocal, nem de sinais. A ausência de uma língua estruturada, além de constituir uma grande desvantagem relativamente aos seus colegas ouvintes, representa um défice de desenvolvimento cognitivo, social, linguístico e cultural que terá graves implicações na sua relação com a escola e com o mundo (Skliar, 1998).

Apesar da LSM ser reconhecida como língua de ensino para os surdos pela Constituição da República, no sistema atual de ensino, ela não se constitui como língua curricular nem de instrução nas escolas regulares moçambicanas, o que prejudica não só a aprendizagem das duas línguas e o desenvolvimento integral das crianças surdas, como também contradiz o conceito de justiça curricular e social. Uma escola justa para os surdos requereria que a sua língua nativa fosse a língua de instrução, que o seu repertório histórico e cultural estivesse contemplado no currículo, que a presença de professores surdos como modelos de identificação linguística e cultural fosse garantida, além de uma adequada pedagogia para o ensino e avaliação do português como a segunda língua, assim como realça (Coelho2010).

2.2.1. Psicólogo Escolar e de Necessidades educativas especiais

Segundo Almeida (2004), o psicólogo escolar é um profissional dedicado à saúde mental, que contribui para aperfeiçoar o processo educativo, o desenvolvimento da aprendizagem no processo de ensino-aprendizagem, realiza uma intervenção preventiva em problemas que podem perturbar o processo educativo, reafirmando políticas educacionais no desenvolvimento de alunos com NEE, presta serviços aos agentes educacionais com auxílio de técnicas e instrumentos.

De modo geral, o mesmo autor destaca o papel do psicólogo escolar de NEE como recurso importante para intervenção com o aluno desde a avaliação psicopedagógica, contribuindo para otimizar o processo educativo, o profissional de NEE tem a função de facilitar a interação mediando o conhecimento, estabelecer vínculos e actividades lúdicas para trabalhar a auto-estima do aluno e o potencial afectivo cognitivo aprimorando a aprendizagem.

2.2.2. Estratégias interventivas em casos de alunos com Necessidades Educativas Especiais Ao nível do Psicólogo Escolar

As estratégias de comunicação constituem um conjunto de determinadas atitudes que funcionam como agentes facilitadores para que a informação seja facilmente recebida visualmente ou auditivamente (Rondina 2006). A comunicação é simplificada através da utilização dos cinco sentidos inatos do homem, sendo que existem pessoas em que os cinco sentidos não são operacionais na sua plenitude e dessa forma são adaptadas novas formas de comunicação de modo que possa expressar de forma confortável.

Exceptuando a figura dos pais, professores e outros intervenientes pedagógicos, o psicólogo aparece como um profissional concebido para perceber e identificar o nível cognitivo em que a

criança está visando estabelecer um exercício de escuta recorrendo alguns instrumentos como testes psicológicos para auxiliar a criança. A par disso, a escola e os pais são auxiliados a encontrar um caminho para o desenvolvimento e transformação do aluno. Em último caso, isso exige com que o psicólogo não esteja alheio ao meio social em que a criança está inserida.

O psicólogo escolar precisa criar espaço para escutar as inquietações do aluno, criar soluções, lidar com as situações quotidianas. Assim, a intervenção do psicólogo escolar dá-se mediante um olhar preventivo, observação e análise, o psicólogo deve estar atento às práticas pedagógicas, com o intuito de desenvolver uma metodologia e traçar métodos de intervenção. (Marinho e Almeida, 2010).

É indispensável que o profissional de psicologia busque aprimorar a língua para a comunicação ser efectiva, o profissional precisa não só aprender a língua, mas também a cultura e estar sempre em contacto com a comunidade surda, o conhecimento da língua de sinais e da cultura, amplia a visão do psicólogo sobre a criança em seu torno social, melhorando o atendimento (Moura, 2000). Deste modo, a formação em LS, constitui uma ferramenta imprescindível para os profissionais de psicologia possibilitando a aquisição de conhecimentos para planificar, intervir, em caso de aluno com DA assegurando desta forma uma escola inclusiva e de qualidade.

Para Oliveira (2021), o papel do psicólogo é o de avaliar as práticas educativas, sugerir programas de ensino, auxiliar os professores, aprimorar suas metodologias, favorecendo assim aprendizagem do aluno, diagnosticar, analisar e intervir ao nível social e institucional, especialmente no que diz respeito à subjectividade social da escola, visando delinear estratégias de trabalho favorecendo mudanças necessárias para optimização do processo educativo.

O Psicólogo deve estar atento a alguns sinais que são emitidos pelo aluno que apresenta sinais de perda auditiva, precisa observar se a criança apresenta dificuldade na pronúncia das palavras, se a criança inclina a cabeça procurando ouvir melhor, se usa palavras inadaptadas e erradas quando comparadas as palavras utilizadas por outras crianças da mesma idade, se fala muito alto ou muito baixo, se ela pede repetição frequentemente (Santos e Arragon 2015).

De acordo com Sunde (2019), o profissional deve introduzir e utilizar o sistema de comunicação para alunos com necessidades educativas especiais, seleccionar técnicas e estratégias especificamente benéficas para alunos com deficiência auditiva, traçar estratégias para centrar do

aluno atenção, características das atividades a realizar, falar claramente em tom natural, sentar a criança mais perto de sua mesa, permanecer em posição tal que o aluno possa ver seu rosto com facilidade, oferecer-lhe oportunidades de participar de atividade.

CAPÍTULO III: METODOLOGIA DA PESQUISA

Para Fonseca (2002), metodologia é o esboço da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica. É neste sentido que neste capítulo abordar-se-á aspectos referentes a metodologia, partindo do tipo de

pesquisa, descrição do local de pesquisa, população, amostra, procedimentos de colecta e análise de dados, questões éticas da pesquisa e limitações experimentadas pela pesquisadora no âmbito da colecta e construção do texto.

3. Descrição o do local da pesquisa

A Pesquisa foi realizada na Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), localizada na avenida Julius Nyerere, no campus Universitário. Reabriu em 2001, após uma interrupção temporária desde 1986. É um centro de reflexão e disseminação do conhecimento teórico e prático, que após a sua abertura optou em oferecer cursos de pós-graduação, na investigação educacional de extensão que incluem a formação de professores do ensino secundário, com objectivo de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no país.

Actualmente oferece cursos de graduação: Licenciatura em Psicologia nas seguintes vertentes: Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais, Psicologia Social e Comunitária, Psicologia das Organizações, Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique, Licenciatura em Desenvolvimento e Educação de Infância, Licenciatura em Organização e Gestão de Educação ministrado em dois modelos, presencial e a distância. Oferece igualmente

Mestrado em Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável Mestrado Profissionalizante em Liderança e Gestão de Educação Conta, actualmente, com cerca de 1924 estudantes nos cursos. A FACED, conta com 98 docentes, sendo 23 docentes do Departamento de Psicologia, 19 afectos no departamento de Educação em Ciências Naturais, Matemática, 8 docentes no Departamento de Organização de Adultos, 19 do Departamento de Organização e Gestão da Educação, e 7 no Departamento de Educação de Adultos, 22 docentes no departamento de Formação de Professores, e Estudos curriculares.

3.1. Tipo de pesquisa

A pesquisa adopta a abordagem qualitativa e poderá ajudar a compreender as estratégias utilizadas pelos estudantes de Psicologia Escolar e Necessidades Educativas Especiais para suprir o défice da língua de sinais durante a intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva, pelo que, na análise e tratamento de dados não serão usadas equações matemáticas ou técnicas estatísticas (percentagem, média, moda), na interpretação dos dados colectados. A pesquisa qualitativa não se

preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, organização (Goldenberg, 1997).

No que concerne aos objectivos, a pesquisa foi classificada como exploratória, pois foi necessário, nos primeiros estágios da investigação, explorar o estudo de caso para resultar na familiaridade, conhecimento e compreensão do tema em questão. Segundo Andrade, (2002), uma pesquisa exploratória é descrita com finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vai investigar-se, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa, orientar a fixação dos objectivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto em geral, as formas de pesquisas bibliográficas, documental e estudos de caso.

Quanto à natureza esta pesquisa é aplicada. Segundo Appolinario (2011), é realizada com intuito de resolver problemas ou necessidades concretas e imediatas; Muitas vezes, nessa modalidade de pesquisa os problemas emergem do contexto profissional e podem ser sugeridos pela instituição para que o pesquisador solucione uma situação ou problema ou na melhoria de processos.

Em relação aos procedimentos, é um estudo de caso. Segundo (Yin, 2001), o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holística e significativas dos eventos da realidade tais como: os ciclos de vida individuais, processos organizacionais, mudanças ocorridas em regiões.

Estudo de caso, consiste em colectar, analisar informações sobre um determinado sujeito, grupo de pessoas de uma comunidade para estruturar aspectos variados da sua vida conforme o assunto da pesquisa. (Prodanov& Freitas 2013). Recorreu-se ao estudo de caso por reunir informações detalhadas e numerosas para conhecer o problema em causa, pois centra-se em um grupo que são os estudantes do curso de PNEE. As informações recolhidas auxiliaram num amplo conhecimento sobre o caso e, nas possíveis soluções para a resolução do problema em questão, nos permitirá examinar com profundidade o desenvolvimento da actividade no seu próprio ambiente.

3.2. População e Amostra

População é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum. (Marconi e Lakatos, 2009). Para o presente estudo a população é

composta por todos os estudantes do curso de graduação em Psicologia Escolar de Necessidades Educativas Especiais da UEM num total de 150 estudantes.

A amostra é uma parcela convenientemente seleccionada do universo (população); é um subconjunto do universo (Marconi e Lakatos, 2003). Assim sendo, a amostra desta pesquisa contou com a participação de 15 estudantes do curso de PENEI divididos em três níveis, 3º e 4º (período laboral) 5º (pós-laboral) de graduação da FACED, sem discriminar o sexo, idade. Foram seleccionados 6 do terceiro nível, 5 do quarto nível e 4 do quinto nível, correspondendo a 10% da população total.

Para a presente pesquisa, usou-se amostragem por tipicidade ou intencional, defendida por Alvarez (1995), como aquela na qual a investigação depende do investigador, para escolher os membros que farão parte do estudo. A amostragem intencional foi seleccionada para esta pesquisa, pois, consiste em seleccionar, um grupo da população que desejamos ter uma informação, e escolhemos certos elementos para pertencer à amostra, por julgar tais elementos bem representativos da população.

3.2.3. Critérios de inclusão

A investigadora considerou os seguintes critérios de inclusão:

- Ser estudante de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação da UEM;
- Frequentar o 3º, 4º e 5º anos;
- Frequentar o curso de Psicologia Escolar e de Necessidades Educativas Especiais.

3.2.4. Critérios de exclusão

Foram consideradas os seguintes critérios de exclusão:

- Não ser estudante de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação da UEM;
- Estudantes que frequentam 1º e 2º ano;
- Ser estudante da vertente Organizacional e Social.

3.3. Técnicas de colecta de dados

Segundo Pardal & Correia (1997), a técnica é um instrumento de trabalho que viabiliza a realização de uma pesquisa que através da execução de um conjunto de operações de um método, permite confortar o corpo de uma hipótese com a informação colhida da amostra. A colecta de dados da pesquisa deu-se através das seguintes técnicas: entrevista semi-estruturada e da análise Bibliográfica.

3.3.1. Entrevista semi-estruturada

Amado (2013), considera que a entrevista semi-estruturada é aquela de inspiração etnográfica no sentido de se estabelecer um encontro construtivo fundamentado na linguagem e actos comunicativos, pode se constatar que se trata de um encontro, objectivando a compressão das representações dos indivíduos entrevistados sobre as suas vidas, experiências, a partir da sua própria linguagem.

Na entrevista semi-estruturada são preparadas várias perguntas que cobrem o roteiro pretendido da entrevista, onde se desenvolve um guião de entrevista como forma de orientação para os entrevistadores, uma das características é que o entrevistador pode se desviar da sequência das perguntas, não ficando necessariamente preso a formulação inicial. (Flick, 2013).

Nesta pesquisa a entrevista semi-estruturada foi de suma importância, pois, a colecta de informações, além das que foram colectadas usando o roteiro de 3 perguntas previamente estabelecidas em conformidade com os objectivos do trabalho, foram também exploradas respostas dadas de forma espontânea não usando o roteiro da pesquisadora.

3.3.2. Análise documental

De acordo Gil (2008), a análise documental baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, sendo utilizada em duas perspectivas: primeiro para suplementar e suportar informações obtidas por outras técnicas de recolha de dados, para encontrar esclarecimentos úteis para o objecto de estudo; segundo a análise documental funciona como principal método de investigação. Neste caso foram analisados, livros, monografias e artigos, feitos para sustentar revisão teórica e análise de dados com objectivo de perceber as estratégias descritas pela literatura lidar com indivíduos com deficiência auditiva. Foi consultado o currículo ajustado de Licenciatura

em Psicologia da UEM (2012), para ilustrar com evidências a sua composição relativamente as disciplinas curriculares vigentes.

3.4. Procedimentos de colecta e análise de dados

Para a recolha de dados foi administrada uma entrevista semiestruturada, cujas questões derivam de um plano prévio, as quais foram gravadas e posteriormente transcritas, e análise documental. Os dados desta pesquisa serão analisados por meio do uso da **análise de conteúdo**, que segundo Bardin (citado por Gerhardt & Silveira, 2009), é aquela que representa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens. O processo de análise de dados desta pesquisa obedeceu os seguintes passos: a transcrição, a codificação e a categorização. Na transcrição procedeu-se a digitalização clara das informações recolhidas; Na codificação, transformou-se os dados brutos em símbolos; e por fim na categorização, fez-se o agrupamento ou registo de informações semelhantes em categorias.

3.5. Procedimentos éticos da pesquisa

A pesquisa foi realizada após a aprovação do estudo, seguiu-se a preparação da colecta de dados elaborou-se um consentimento informado para apresentar aos entrevistados antes da entrevista, traçou-se um guião de entrevista para a colecta de dados no terreno, a pesquisadora dirigiu-se ao local de estudo para identificar o grupo alvo, apresentou-se para estabelecer um grau de proximidade e compressão aos entrevistados, elaborado o consentimento informado com vista a esclarecer os procedimentos e a finalidade do estudo, as entrevistas decorreram nos dias úteis da semana, em duas semanas, as conversas eram gravadas em áudio com duração de 20 minutos e transcritas manualmente sendo respondidas por livre-arbítrio. Durante o processo de recolha de dados foi garantido o sigilo e a confidencialidade nos resultados da pesquisa através da omissão da identidade, sendo atribuídos nomes de teóricos no consentimento esclarecido e as entrevistas foram feitas individualmente para evitar qualquer tipo de interferência.

3.6. Limitações da pesquisa

Limitações ao nível do acervo bibliográfico conteúdos que abordam acerca da problemática em questão no país ainda é escasso.

Capítulo IV: Apresentação e Discussão dos Resultados

No presente capítulo, são apresentados os dados obtidos através da entrevista dirigida aos estudantes de PENE. Com objectivo de analisar a percepção dos estudantes em relação ao

problema em estudo, os dados são apresentados com base nos objectivos específicos e fundamentados pela revisão de literatura. Neste sentido, conforme garantiu a pesquisadora, no processo de recolha de dados, a análise seguir-se-á com a garantia da confidencialidade e o anonimato, onde os participantes serão identificados com nome de teóricos.

Caracterização da Amostra

Os dados resultam de entrevistas realizadas com 15 (quinze) estudantes, dos quais 6 (seis) do 3º nível, 5 (cinco) do quarto nível e 4º e (quatro) 5º do nível (regime pós-laboral), respectivamente. Relativamente as idades, os entrevistados estão num intervalo de 20 a 40 anos e concernente ao sexo, 11 foram do sexo feminino e 4 do sexo masculino, tal como ilustra a tabela que se segue:

Tabela 2: Dados da pesquisa

Variáveis		Participantes
Sexo	Masculino	11
	Feminino	4
Idade (anos)	[20; 25[9
	[25; 30[3
	[30; 35[2
	[35; 40[1
Nível de Frequência	3ª Ano	6
	4ª Ano	5
	5º Ano	4

4.1. Discussão dos Resultados

Dados do primeiro objectivo

Identificar junto dos estudantes de PENEÉ os constrangimentos tidos na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva.

Este objectivo preocupa-se em entender se o estudante tem enfrentado dificuldades na interação com alunos com deficiência auditiva. Para dar resposta ao objectivo específico foram elaboradas duas questões abertas para os estudantes, a primeira questão pretendia saber o seguinte:

Questionados os estudantes se alguma vez tiveram contacto com um indivíduo com deficiência auditiva e como foi a interacção.

Nesta questão foi possível constatar que a maioria (no total 12) afirmou que já teve contacto, com excepção de três estudantes que responderam não. Contudo, os 12 estudantes que responderam

sim, revelaram ter tido dificuldades, e alguns revelaram ter sido fácil porque recorreram ao conhecimento que tiveram na faculdade, tal como referem os entrevistados que se seguem:

Já. A interação foi fácil porque eu gesticulava, ele emitia alguns sons eu fazia alguns sinais porque aprendi na faculdade (Alport).

Já. Foi complicado porque não possuía nenhum conhecimento em língua de sinais (Skinner).

As respostas dadas pelos estudantes levam-nos a recorrer ao posicionamento de Cardoso; Rodrigues e Bachion, (2006), referindo que muitos profissionais da saúde mental enfrentam dificuldades ao prestar um serviço de assistência a crianças surdas devido ao obstáculo de comunicação, acarretado pela falta de conhecimento na linguagem não-verbal, relacionada com a formação recebida, profissionais sem formação em língua de sinais ocasionam carência na comunicação entre os profissionais e crianças surdas, resultando num prejuízo no atendimento (Oliveira 2014).

Percebe-se que o fraco domínio foi um entrave para que a conversa ocorresse de forma eficaz. A falta de conhecimento na matéria criou dificuldades por parte dos estudantes sendo a formação o factor-chave para colmatar essas dificuldades.

Não obstante, existem estudantes capacitados em língua de sinais como o caso de Alport que afirmara ter sido fácil devido ao conhecimento prévio que outrora teve na faculdade. Por sua vez, em seus estudos, Aguiar e Cordeiro (2021), defendem que estudantes que conseguem comunicar-se na língua de sinais atendem as necessidades da criança surda expressando-se de forma confortável, dispondo de condições para a criança relatar suas problemáticas, permitindo assim com que o profissional crie um vínculo terapêutico durante o atendimento e promovendo um atendimento eficaz.

Dos 3 estudantes que responderam negativamente, alguns expuseram que o nível que frequentam não abrange a matéria, levando-nos a recorrer ao posicionamento de Vigotsky (1984) citado por Kleinman (2015), quando apresenta a “Zona de Desenvolvimento Proximal”, referindo que se trata da distância entre a capacidade da pessoa que está a aprender com orientação de outra pessoa, é a capacidade que o indivíduo tem de resolver problemas por conta própria, isto é, o caminho a ser

percorrido até ao amadurecimento e a consolidação das funções tarefas, sendo fomentada pela interação de um indivíduo aprendiz com indivíduos com maior experiência .

Relativamente a segunda pergunta que buscou compreender o impacto da não inclusão da disciplina língua de sinais no currículo, os estudantes foram unânimes em afirmar categoricamente que a não inclusão da disciplina no currículo dificulta no momento de interação com crianças surdas, e este facto pode desencadear a exclusão. Concordando, com Alpendre (2008), ao esclarecer que ter Língua de Sinais como componente curricular na formação de Psicologia, facilita a comunicação ajudando o profissional a interagir com as pessoas individualmente.

Os estudantes Freud e Adler, levantam outro aspecto relevante em relação à dificuldade na interação pela falta de formação específica, os estudantes deixam de lado crianças surdas, e acabam por excluir essas crianças sem que seja feito um acompanhamento efectivo:

A não inclusão da disciplina no currículo dificulta na interação com a criança surda, umas das práticas da psicologia é a entrevista, sem conseguir comunicar-se com o aluno teremos dificuldade para conversar levando a trabalhar apenas com aquelas com linguagem oral, desta não sendo efectivada a inclusão. (Freud)

A não inclusão da disciplina no currículo impacta negativamente, vamos ao campo, excluímos o aluno com surdez, por não estarmos preparados para trabalhar a inclusão desta cadeira no currículo tornaria o psicólogo preparado para intervir (Adler).

Entretanto, Minghetti e Kanan (2004), referem que a falta de conhecimento em LS pode desencadear complicações como abandono, fragilidade, por conta da frustração pela dificuldade na comunicação por parte do profissional, desta forma torna-se fundamental transformar o profissional em um sujeito bilíngue, sendo aquisição imprescindível para os estudantes durante a formação.

Por sua vez, Alport, afirma que o psicólogo com conhecimento em LS é mais inclusivo e preparado para responder os problemas da criança surda, além de facilitar esse atendimento, de acordo Gonçalves (2015), a necessidade de preparação é de imensa importância para habilitar e elucidar os conhecimentos advindos da psicologia para o atendimento especializado para sujeitos com

deficiência auditiva de forma mais acessível se efectivando assim a psicologia inclusiva, promovendo o acesso e a permanência nos diferentes espaços sociais, sem discriminações, e a inserção desse público de forma igualitária aos serviços de apoio psicológico.

Alguns estudantes afirmaram incluir língua de sinais no currículo de formação de Psicologia seria a melhor estratégia para colmatar as dificuldades enfrentadas, melhorando a intervenção do estudante, pois a falta dificulta no processo de intervenção:

Implementar a cadeira no nosso currículo, pois, agora é dada como conteúdo agora aprendemos durante pouco tempo e não acho suficiente aprender desta forma (Watson).

Integrar essa unidade no nosso curso como uma disciplina no primeiro ano, com mais tempo aprendemos melhor. adotar mecanismos de todos os formandos em psicologia tenham conhecimento básico para interagir com aluno. (Bandura)

Incluir no currículo como disciplina, eu particularmente aprendi um pouco na disciplina intervenção mais eu não achei, suficiente, porque foi durante pouco tempo tendo em conta que nessa disciplina tem outros conteúdos ministrados. (Beck)

As transcrições anteriores vão de encontro com os resultados das pesquisas de Souza e Sotero (2023), considerando imperioso efectivizar a língua de sinais no currículo de formação em psicologia, mostrando-se não apenas como uma prática inclusiva mas pontencializadora e de extrema importância para viabilizar e promover concretamente actuação do psicólogo e cuidado de saúde mental adequado para com as pessoas com deficiência auditiva e para o próprio profissional visto número de psicólogos formados com conhecimento de língua de sinais é reduzido.

Percebe-se no caso do estudante Bandura, que é importante aprender-se a língua de sinais desde o início dos curso de psicologia, pois, muitas vezes o ensino apressado da língua torna-se pouco viável e ineficaz. Conforme as respostas de Watson e Beck, que tiveram capacitação em LS afirmando ser pouco suficiente capaz de responder de forma parcial às crianças com surdez, aprender LS com tempo é mais produtivo porque aprender ancorado a outra disciplina torna-se pouco viável, e não respondendo de forma eficaz as exigências de uma política de inclusão.

A entrada tardia no campo da ciência do comportamento mostra-se prejudicial para o aprendizado efectivo, muitas vezes, a carga horária é insuficiente. Assim é importante aprovar-se o ensino de

LS desde o início da formação tal como defende Freitas (2019) ao afirmar que apesar dos avanços da LS, mostra-se uma disciplina optativa, deixando sérias lacunas na formação dos profissionais de saúde mental, não muito suficiente capaz de responder parcialmente às crianças com surdez tendo em conta que nenhuma língua se aprende em uma ou duas semanas.

4.2. Dados do segundo objectivo

Explicar as estratégias utilizadas pelos estudantes de Psicologia Escolar e Necessidades Educativas Especiais na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva.

Pretendia-se identificar os recursos, estratégias usadas pelos estudantes para fazer face a défice de formação, traçada a seguinte questão:

Tendo em conta o facto de não ter domínio da linguagem gestual, como tem feito para interagir com alunos com deficiência auditiva. Nesta pergunta, os entrevistados deferiram as suas respostas pois recorrem a criatividade individual para comunicarem-se, como evidencia o estudante Bandura:

Usava gestos voluntários usava o celular, recorria e a internet para mostrar imagens para ilustrar o que eu queria dizer caderno para escrever, mas era muito difícil porque a criança não entendia, muita coisa do que eu queria dizer.

O psicólogo trabalha em questões referentes a singularidade, subjectividade do sujeito, busca através do contacto directo estabelecer vínculos com o paciente e quando está estabelecido, o paciente sente-se confortável para trabalhar questões relacionadas a saúde mental, caso haja um mediador nessa troca, o paciente não se sentirá confortável e o vínculo poderá não acontecer, além dos prejuízos que podem emergir como, por exemplo: vergonha, insegurança, retraimento, diante do intérprete (Sousa, 2013).

Na interação com os estudantes constatou-se que várias são as estratégias por eles usadas na tentativa de manter o diálogo com os alunos com DA, levando-os a inventarem várias formas de comunicação, recorrendo a gestos espontâneos e não padronizados; a telefones para escrever; desenhos e chegando a recorrer a intérpretes (caso a tivesse um profissional capacitado em LSM).

Segundo Cattalini e Fornazi (2007) citado por Oliveira (2014), afirmam que alguns psicólogos por não terem domínio da LS trazem, estratégias desenvolvidas por eles para criar algum tipo de comunicação onde usam colagens, desenhos, escrita e outros recursos pouco suficientes, pois a comunicação torna-se incompleta.

Comportamentos não-verbais praticados por estudantes são pouco aplicáveis para alunos com DA pois a comunicação ocorre de forma diferente, desta forma, não dando conta ao aspecto afectivo, não criando um vínculo terapêutico onde existe a compreensão das vivências da criança, sendo fundamental para iniciar o processo psicoterapêutico tal como defendem Perreira e Lourenço (2017), onde apesar de alguns profissionais tentarem algumas maneiras de se comunicar gestualmente, estes gestos não equivalem a língua de sinais, sendo estritamente clara a dificuldade na comunicação por parte do estudante.

Os entrevistados, levantam outro aspecto referindo que tinham que recorrer ao intérprete para mediar a conversa. Neste caso, os estudantes que não têm conhecimento mínimo de LS, devem recorrer a um intérprete para a realização do atendimento psicológico, que poderá dificultar actuação como profissional, tendo em conta que nas nossas escolas públicas é quase impossível encontrar um intérprete. Desta forma, a melhor estratégia seria que o estudante comunicasse directamente com o aluno sem a presença de um intérprete.

Por mais que o interprete possibilite a comunicação entre o estudante e o aluno, podem surgir dificuldades no vínculo de expor determinadas situações pelo aluno ao ponto de não expor algumas problemáticas, pois para Casali (2012), a presença do intérprete não deixa a criança à vontade, ainda que haja a presença do intérprete para possibilitar a comunicação entre os dois, surgem dificuldades na construção da relação e questões de exposição acerca de algumas situações por parte do paciente.

Desta forma, o interprete por não possuir capacitação em Psicologia não terá como compreender as informações do inconsciente do sujeito, situações expostas na psicoterapia podendo colocar em risco a condição psíquica do aluno com deficiência auditiva. Piret (2007), esclarece que outro factor questionável a presença do intérprete no *setting* terapêutico, é o sigilo no processo psicoterapêutico, o constrangimento por parte do aluno pode ocorrer influenciando directamente aos relatos expostos pelo sujeito, colocando em risco a privacidade bem como a qualidade de informação, deste modo não se efectivando a fidedignidade podendo interferir no resultado.

4.3. Dados do terceiro objectivo

Comparar as estratégias identificadas com as propostas pela literatura.

Neste objectivo, fez-se o levantamento bibliográfico das estratégias de comunicação não verbal propostas por alguns teóricos e, comparadas com estratégias usadas pelos estudantes, tendo sido obtido os seguintes resultados: os estudantes mencionaram as seguintes estratégias mimica, desenhos, escrita de textos, uso de gestos não padronizados, *smartphones* e recorrem a intérprete caso haja.

Faço uso da linguagem oral para expressar ideais, sentimentos ou escrevo em cadernos e colocava para criança ler, fazia alguns desenhos dependendo da informação que eu pretendia transmitir, fazia uso de gestos mas muitas vezes não era funcional, porque acabávamos por não nos entendermos e levamos muito tempo para falar crianças apresentavam dificuldades na compreensão de alguns gestos. (Wundt)

Tivemos que recorrer a um intérprete da escola que nem sempre encontrava se disponível, a presença da intérprete deixava a criança meio intimidada. (Pavlov)

Concernente a mímica, movimento de braços, mãos e cabeça, é usada em casos em que o estudante pretende ilustrar algum animal, objecto ou pessoa usando suas características específicas, de igual modo, recorre-se aos desenhos para ilustrar objectos, animais e pessoas. Os textos ou os gestos não padronizados são usados quando se pretende trazer uma ideia extensa sobre um assunto em questão que não seja possível a sua compreensão recorrendo ao dois últimos métodos, recorre-se a *smartphones* para mostrar objectos em animação/movimento (animais correndo, vídeos de objectos), intérprete como mediador de informação entre o psicólogo e o estudante.

Em contrapartida, estudos apontam que o psicólogo faz uso de estratégias, recorrendo a metáforas e exemplos visuais, desenhos e expressões corporais, tentando facilitar o máximo possível o atendimento para que o processo atinja o seu propósito. Goncalves (2012), afirma que alguns psicólogos utilizam materiais físicos como o uso de imagens, gráficos, desenhos, actualmente que os jovens possuem acesso à internet, fazem uso do celular, de recursos tecnológicos, redes

sociais em que a comunicação ocorre por mensagens escritas, para estabelecer uma comunicação ficam em frente a criança para estabelecer o canal de comunicação sendo uma forma de estabelecer comunicação visio-gestual sendo uma comunicação pouco viável, entende-se a possibilidade da criança desconhecer determinadas expressões utilizadas pelo psicólogo, situação que pode ocorrer com o psicólogo. A melhor forma de expressar aquilo que se está querendo dizer a criança deve ser em LS para que a comunicação não fique confusa e com lacunas permitindo que o psicólogo possa questionar se está sendo entendido ou se está se fazendo entender.

Outras estratégias apresentadas são:

- *Gestos-mímica*

Expressão de movimentos fisionómicos e corporais, imitando o que quer se fazer compreender mímica nem sempre é compreendida devido as alterações podendo o indivíduo interpretar mímicas a partir da sua forma de pensar, sendo pouco aconselhável. (Jesus 2006).

- *Leitura labial*

Técnica aplicada por indivíduos surdos em que sons e palavras emitidas pelo interlocutor são captadas pelos movimentos dos lábios. Com a leitura labial não consegue captar mais que 50 por cento do que é dito, tendo em conta que os deficientes auditivos sentem dificuldade em entender a leitura labial pode gerar problemas de compreensão pelo facto do psicólogo falar muito rápido, o sujeito deve manter foco constante naquele que comunica porque qualquer mudança de posição do profissional de saúde mental pode levar à perda de informações (Botelho,2007).

- *Escrita língua portuguesa*

É muitas vezes necessário, está presente no quotidiano da comunicação pessoal este recurso pode ser de difícil utilização já que para sujeitos surdos a língua portuguesa representa a segunda língua e pode representar dificuldades para a sua compreensão (Chaveiro Porto 2008). A escrita do português por parte do surdo não obedece às exigências da língua portuguesa uma vez que escreve na ordem em que são apresentados os sinais através da LS por tanto não se faz uso de preposições, artigos e conjunções.

- *Desenhos representação visual de um objeto*

A imagem, representação gráfica de objetos formas, coisas e de seres ou até mesmo ideias por meios de linhas e traços, usa-se para obter informações pertencendo a um mundo de experiência visual.

- *Intérprete da Língua de Sinais*

Traduzir e interpretar a LS para a língua portuguesa e vice-versa em qualquer modalidade que se apresentar seja escrita ou oral, favorecendo a comunicação, porém a falta do intérprete para acompanhar a secção pode haver dificuldade na interação. O intérprete é de extrema importância quando for elo de comunicação entre o profissional e o sujeito surdo, porém pode também ser um problema, pois pode ferir a privacidade e a individualidade do surdo que pode emitir importantes informações por constrangimento e vergonha. (Chaveiro e Barbosa 2005)

Percebe-se uma similaridade entre estratégias adoptadas pelos estudantes com as estratégias apresentadas pela literatura consultada, especificamente no uso da mímica, escrita, desenhos, *smartphones*, para estabelecer a comunicação entre a criança e o profissional em caso de dificuldades. Portanto nenhuma das estratégias mostra-se muito eficaz, deste modo, faz-se necessário a formação e capacitação do Psicólogo em LS, para melhor interação e para que a comunicação ocorra sem mediação, ou recurso de nenhum instrumento não padronizado .

Tendo em conta que a linguagem de sinais distingue-se da linguagem oral porque utilizam um meio ou canal visio-espacial oro-auditivo, apresenta regras gramaticais complexidades linguísticas e expressões metafóricas que se diferem da linguagem oral, a escrita sendo influenciada pela nacionalidade ou até mesmo pela regionalidade do contexto que está inserida, pois o sistema de signos compartilhados é recebido pelos olhos e sua produção e realizada pelas mãos tem estrutura gramatical própria. A escrita não obedece as exigências de língua portuguesa, uma vez que se escreve na ordem em que são apresentados os sinais através da LS, tendo em conta, que os indivíduos com DA apresentam problemas na escrita de frases complexas, pode apresentar dificuldades na leitura de algumas frases. O interprete apesar de representar auxilio, o mesmo pode tonar-se um problema porque o indivíduo pode não participar activamente da interação pois o mesmo e que explica ao profissional a dificuldade do sujeito, limitando a individualidade necessária e limitando a criança de expor algumas problemáticas.

CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A pesquisa estabeleceu como objectivo principal analisar as estratégias que os estudantes de PENE, têm utilizado para suprir o défice da língua de sinais na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva. Feita a pesquisa, pode-se perceber que a fraca capacitação em LS constitui prejuízo tido pelos estudantes durante a intervenção de alunos com deficiência auditiva, influenciando negativamente durante a interacção.

Com a pesquisa, constatou-se que maioria dos estudantes não possui capacitação em língua de sinais. O fraco conhecimento pode criar barreiras na competência dos estudantes em lidar com alunos com surdez, limitando sua capacidade de oferecer suporte efectivo as crianças com deficiência auditiva. Recorrendo, deste modo, a criatividade pessoal fazendo uso de estratégias não padronizadas tais como uso de desenhos, colagens, mímica, telefones e língua portuguesa e

gestos não padronizados. Constatou-se ainda que, apesar do uso esporádico dessas estratégias pelos estudantes, essas estratégias vão de acordo com as mencionadas pela literatura.

Deste modo, é crucial a inclusão da disciplina de LSM para maior capacitação dos estudantes de forma a colmatar as dificuldades existentes, promovendo desta forma, a inclusão efectiva de pessoas surdas.

O psicólogo com formação em LS desenvolve estratégias que visam promover, apoiar a inclusão e busca instrumentos para apoiar o progresso académico do aluno, respeitando as diferenças individuais, pautando pela promoção da saúde escolar, desenvolvendo trabalhos direccionados à toda comunidade escolar que acompanham o aluno fora do ambiente escolar, partindo da visão da família e agindo em duas frentes, preventiva e a que requer ajustes, presta apoio na avaliação dos alunos com NEE, intervém no processo de aprendizagem integração desses alunos, procurando melhorar desenvolvimento intelectual, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, social, psicológico de toda comunidade escolar, tal como referenciado no desenvolvimento desta pesquisa

Portanto, as estratégias usadas pelos estudantes são pouco favoráveis pelo uso de gestos não padronizados sendo pouco aplicáveis a realidade do indivíduo . Assim, a melhor forma de se dar a comunicação é mediante LS. Com o conhecimento e capacitação adequada estará garantida a prática para os estudantes saberem lidar com alunos com deficiência auditiva respondendo às exigências das crianças sem necessidade de uso de gestos não padronizados.

5.1. Recomendações

Não basta que seja um conteúdo dentro de uma disciplina, precisam de mais pratica, deve ser nos primeiros anos para dar oportunidade de exercer e consolidar o conhecimento da língua.

Aos estudantes com capacitação, procurem aprofundar o conhecimento em relação a língua de sinais através da participação de cursos de curta duração.

A instituição deve adoptar estratégias que possibilitem que os estudantes tenham a língua de sinais em vários níveis.

Que se busque mecanismos para que língua de sinais seja incluída na grelha curricular como disciplina..

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIM, (2023). *Censo populacional 2017*. Agência de informação de Moçambique

Almeida, R. M. (2004). *A escola inclusiva e os alunos com deficiência intelectual*. Disponível em <[HTTP//www.Profala.com/frameset.htm](http://www.Profala.com/frameset.htm)>, acesso em: 20/03/2024

Appolonário, F (2011). *Dicionário de Metodologia Científica*. 2ª ed, São Paulo: Atlas

Amado, J. (2013). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. 2ª ed., Coimbra. Disponível em: <https://digitalisdsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/35271/1/Manual%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20qualitativa%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 10/09/2023

Andrade. (2002). *Introdução à Metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalho na graduação*. 4ª ed., São Paulo: Atlas

Anjos, E.G. (2022). *Importância da Língua de Sinais no Atendimento Psicológico*. Universidade UNICAMP, Campo Limpo Paulista.

[Ps://www.unifaccamp.edu.br/repository/artigo/arquivo/07022023011346.pdf](https://www.unifaccamp.edu.br/repository/artigo/arquivo/07022023011346.pdf) Acesso 20/07/2023.

Bautista, R. (1997). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Dina livro. Colec: Saber Mais

Botelho. (2007). *Educação inclusiva para surdos : desmitificando pressupostos*. Belo Horizonte :PUC Minas, Disponível em [<HTTP//www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anais/pdf/edcsurdos.pdf.>](http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anais/pdf/edcsurdos.pdf) acesso em: 20/05/2024

Campos, A.P. (2012). *A Inclusão de crianças com NEE em turmas do ensino regular*. [s.n], Lisboa.

Cardoso, A. H. A., Rodrigues, K. G., Bachiion, M. M. (2006). *Percepção da pessoa com surdez severa e/ou profunda acerca do processo de comunicação durante seu atendimento de saúde*. Rev. Latino- Enfermagem. São Paulo. V.14

Casali, D. (2012) *Atendimento Psicológico ao surdo usuário de Língua de Sinais no município de Itaj*. Dissertação de mestrado de pós-graduação. Universidade De Vale do Itaj. Programa de Mestrado, profissionalizante em Saúde e Gestão de trabalho

Chambal, L A. (2007). *A escolarização dos alunos com deficiência em Moçambique: um estudo sobre a implementação e os resultados das políticas de inclusão escolar (1999-2006)*. Dissertação de mestrado de pós-graduação. Universidade de Paulo

Chaveiro, N & Barbosa M. (2005), *Assistência ao surdo na área da saúde como fator de inclusão*. Revista da escola de enfermagem, São Paulo V.39

Correia, L. M. (1997). *Alunos com NEE nas classes regulares*. Porto: Porto Editora

Correia, L.M. (2008). *Inclusão e necessidades educativas especiais. Um guia para educadores professores*, 2ª ed., Porto Editora

Cruz, V. (1999). *Dificuldades de Aprendizagem*. Fundamentos. V4, Colec. Educação Especial). Porto: Porto Editora.

Cruz, M. (2007). *Educação Especial no Brasil: história e política públicas*. (5ªed).São Paulo. Editora Cortez

- Damasceno, F.Q. (2022). *Dificuldades de alfabetização e letramento do aluno com deficiência auditiva*. 34ª ed., vol.27 Faculdade de ciências humanas SINOP. Mato Grosso Brasil.
- Dos Reis, F. (2018). *Investigação Científica e Trabalhos Acadêmicos: guia prático*. Lisboa: Edições Sílabo.
- FACED, (2012). *Currículo Ajustado do Curso de Psicologia* Universidade Eduardo Mondlane: Maputo.
- Flick, U. (2013). *Introdução a Metodologia de Pesquisa: um guia para iniciantes*. Porto Alegre.
- Fonseca, J. (2002) *Problemas de Comunicação da informação científica*. São Paulo: Thesaurus
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6ª Ed., São Paulo. Editora: Atlas
- Goldenberg, M. (1997). *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record.
- Izquierdo, M. T.(2006). *Necessidades educativas especiais: a mudança pelo*
- Gonçalves, P.S. (2015). *Linguagem do silêncio. Psicanálise e surdez*. Arqueiro 12: instituto Nacional de educação dos surdos, Rio de Janeiro, V.12. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/wp-content/uploads/2014/arqueiro-12pdf> acesso em 4/03,2024
- Jesus, S.(2006). *A dimensão mimética da linguagem*. Rio de Janeiro: Editora Arqueiro
- Kleinman, P. (2015). *Tudo que você precisa saber sobre psicologia: um livro prático sobre o estudo da mente humana*. São Paulo : Editora Gente.
- Lakatos, E.M. & Marconi, M.A. (2009). *Fundamentos de metodologia científica*. (5ª Ed.). São Paulo: Atlas
- Lima, J. A. (2006). *Ética em investigação*. Edições Sílabo, [s.l]
- Madureira, P.I & Leite, S.M. (2003). *Necessidades educativas especiais*. Universidade aberta Lisboa: Portugal
- Marconi, M.&Lakatos, E. (2003). *Fundamentos da metodologia científica*. (5ª ed.). São Paulo: Editora Atlas
- Marinho, A. & Almeida, S. (2010). *Psicologia escolar, construção e consolidação da identidade profissional*. (3ªed,. Campinas, S P

- Minghetti, J & Kannan, G. (2004). *Papel do educador na formação integral das crianças no pré-escolar*: Universidade de Cabo-Verde
- Moura, M. C. (2000). *O Surdo: Caminhos para uma Nova Identidade*. Rio de Janeiro: Revinter
- Muthambe, A. V. (2022). *Competências e Estratégias da Actuação do Psicólogo nas Escolas no Contexto da Educação Inclusiva em Moçambique*. [Dissertação de doutoramento não publicada]. Universidade Federal da Bahia, salvador
- Nhapuala, G. A. (2014). *Formação psicológica inicial de professores: atenção a educação inclusiva em Moçambique*. Universidade do Minho, o: Braga.
- Nielsen, L.B. (1999). *Colecção de Educação Especial: Necessidades Educativas na Sala de aula, um guia para professores*. V3. Porto, Porto Editora
- Nogueira, G.M. (2019) *O impacto da surdez nas famílias envolvimento parental*. Universidade Fernando Pessoa, Porto
- Oliveira, C.B.E. (2011). *Actuação psicologia Escolar na educação superior: proposta para os serviços de psicologia*. Tese de Doutoramento. Universidade de Brasília, Brasília
- Oliveira, D. H. (2014). *Escuta clínica e atitude fenomenológica no atendimento à pessoa surda: reflexões sobre um processo psicoterápico*. Disponível em:
<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/17565/1/DelioHDO_DISSERT.pdf>. Acesso em: 04 /02/ 2024.
- Piret, B. (2007). *A consulta psicoterapêutica com intérprete: Vantagens, dificuldades e limites*. Lawrence Reither
- Prodanov, C.C. & Freitas, E.C. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Académico*. 2ª Ed. Brasil: Rio Grande do Sul, Editora Feevale
- Reis, M. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso* Lusófona. Tese de doutoramento. Universidade de Málaga.
- Rondina, C. (2006). *Neuropatia Auditiva: estudo de caso*. Acta Who, São Paulo, V24
- Santos, R.M. (1997). *Educação Especial a Educação dos Surdos*. Vol.3. Brasília, DF: Editora Feevale.

- Severino, A. J. (2008). *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo, SP: Cortez.
- Silva, L. (2015), *A psicologia Escolar Emergentes do Papel e Funções do Psicólogo Escolar*. Universidade de Humanidade e Tecnologia. Lisboa
- Skiler, C. (1998), *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Editora: Mediação
- Silva, L. P. A & Queiros, F. L. (2006). *Factores etiológicos da deficiência auditiva em crianças e adolescentes de um centro de referência de APADA*. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/0D/rboto/v72n1/a06v72n1.pdf> Acesso em: 08/11/2023
- Silva, P.L. (2008). *Manual de orientação de práticas interventivas no contexto educacional para professores do ensino fundamental*. Programa de desenvolvimento educacional: Mandirituba
- Souza, A.L & Sotero, C.G. (2023). *Importância do ensino de Libras na formação em psicologia: por uma promoção de saúde inclusiva e efectiva frente à surdez*. Vol.19, n.º1, Centro Universitário Santo Agostinho: Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Mnemonize
- (2013). *Utilização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no atendimento aos surdos como forma de humanização da Psicologia*. Rev Edu. Artes e Inclusão;13(3): 85
- Stampa, M. (2009). *Aquisição da Leitura e da Escrita: uma abordagem teórica e prática à partir da consciência fonológica*. Rio de Janeiro: Wak.
- Yin, R.K. (2001) *Estudo de caso*. Porto Alegre: Bookman Artmed

ANEXOS

ANEXO 1: Guião de entrevista dirigido aos estudantes e os respectivos objectivos

Características sócio-demográficas dos participantes

Sexo:

Idade:

Naturalidade:

Regime que frequenta:

<i>N</i>	Bloco temático	Objectivos	Questões de base
<i>01</i>	Consentimento informado		
<i>02</i>	Impacto da não inclusão da disciplina Língua de Sinais no currículo de PENEE .	Procurar entender dos estudantes de graduação em PENEE se têm enfrentando dificuldade na interação em casos de alunos com deficiência auditiva .	1. já esteve alguma vez em contacto com um indivíduo com deficiência auditiva? Como foi a interação? 2. Qual é o impacto da não inclusão da disciplina língua de sinais no currículo?
<i>03</i>	Estratégias utilizadas para fazer face ao déficit de formação .	Identificar os recursos as estratégias usadas pelos estudantes perante um aluno com deficiência auditiva.	3. Tendo em conta o facto de não ter domínio da linguagem gestual como tem feito para interagir com alunos com deficiência auditiva ?

ANEXO 2: Folha de informação de consentimento informado, livre e esclarecido



Folha de informação de consentimento informado, livre e esclarecido

Estimado (a) Estudante

Estudante de Licenciatura em psicologia Escolar e de Necessidades Educativas Especiais na Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane, sob supervisão do dr. Etelvino Mutatisse. Estou a desenvolver um trabalho de investigação de final de curso intitulado: *Estratégias utilizadas pelos estudantes de Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais para suprir o défice de língua de sinais na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva*. Com a finalidade de conhecer as estratégias que os estudantes têm utilizado para suprir o défice de língua de sinais na intervenção. Solicito a vossa participação como estudantes neste estudo, participando da entrevista a ser manuscrita e gravada em áudio para registar as falas com a duração de 20 minutos que serão posteriormente analisadas e transcritas.

A vossa participação nesta pesquisa deve ter um carácter voluntário e não envolve nenhuma remuneração, podendo desistir a qualquer momento. Neste sentido, podem recusar ou retirar-se deste consentimento a qualquer momento que o desejará sem prejuízo para ambas partes. Têm ainda o direito de determinar que sejam excluídas da pesquisa as informações que já tenham sido dadas e, todo o estudo decorrerá segundo os princípios éticos internacionais aplicados a investigação em psicologia. Todos os dados recolhidos são confidenciais, sendo analisados anonimamente no decurso da investigação.

Com possíveis benefícios da vossa participação, a pesquisa auxiliará na reflexão sobre a temática e contribuirá para melhorar a intervenção do estudante, entendendo o sujeito com deficiência auditiva no seu mundo, auxiliando em práticas e na estruturação de possíveis programas de qualificação.

DECLARAÇÃO DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPAÇÃO

Após ter lido os termos contidos neste consentimento esclarecido, concordo em participar como informante, colaborando, dessa forma, com a pesquisa. A minha participação é voluntária e está formalizada por meio da aceitação deste termo. Poderei deixar de participar a qualquer momento.

Li o termo e concordo em participar da pesquisa.

(Assinatura do inquirido)

A investigadora: Neyma Cátia Zavale: neymashermila@icloud.com + 258 86 56 14 685

ANEXO 3: Respostas da entrevista dirigida aos estudantes de PNEEE

Identificar junto dos estudantes de PNEEE os constrangimentos tidos na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva.

1- Já esteve alguma vez em contacto com um indivíduo com deficiência auditiva? Como foi a interação?

Em relação à pergunta anterior, os entrevistados responderam o seguinte:

Já tive interação foi um pouco complicado conversar porque não tenho muito tenho domínio da língua tivemos que criar mecanismos para interagir com os alunos (Freud).

Já, foi difícil porque o que ele falava eu não percebia, por falta de domínio em língua de sinais (Bandura)

Já, foi complicada, por não ter domínio da linguagem não verbal na altura tivemos que recorrer a um intérprete em língua de sinais para interagir com aluno. (Pavlov)

Sim, já falei com aluno com deficiência auditiva, a princípio a interação foi difícil visto que não tinha noção nenhuma da língua de sinais, foi difícil, não conheço língua de sinais (Adler)

Nunca tive contacto. (Klein)

Já tive contacto, por um momento fui um pouco interativa, mas quanto mais a conversa desenvolvia eu já não percebia nada (Wundt)

Já, foi complicado porque não possuía nenhum conhecimento em língua de sinais. (Skinner)

Já, mas tive dificuldades para comunicar-me, a interação foi complicada porque não possuía nenhum conhecimento em língua de sinais (Roger)

Nunca ainda não estudei (Maslow)

Já , não chegamos a ter nenhum tipo de interação porque não tinha noção em língua de sinais (Piaget)

Já , foi um pouco fácil., porque estudamos um pouco. (Watson)

Sim já tive falar como tal não porque não conheço língua de sinais (Honey)

Nunca, sobre língua de sinais, ouvi que vamos aprender. (Bolwlby)

Já a interação foi fácil porque eu gesticulava, ele emitia alguns sons eu fazia alguns sinais porque aprendi na faculdade (Alport)

Sim, já tive contacto para interagir uso gestos, ou a linguagem oral mas muitas vezes não era funcional, acabávamos por não nos entendemos e levamos muito tempo para falar coisas básicas (Beck)

2- Qual é o impacto da não inclusão da disciplina língua de sinais no currículo?

Não ter língua de sinais no currículo impacta negativamente porque dificulta no momento da interação visto que umas das práticas da psicologia é a entrevista, sem conseguir comunicar com o aluno teremos dificuldade para conversar, levando a trabalhar apenas com aquelas com linguagem oral, desta não sendo efectivada a inclusão. (Freud)

Impacta negativamente por conta da limitação e este factor pode desencadear alguns problemas no momento de intervenção integrar essa unidade no nosso curso como uma disciplina no primeiro ano, com mais tempo aprendemos melhor. Adotar mecanismos de todos os formandos em psicologia terem conhecimento básico para interagir com aluno. (Bandura)

A não inclusão da disciplina impacta negativamente, a não inclusão desta disciplina acaba tornando o trabalho do futuro psicólogo muito limitado , porque torna se complicado conversar com um indivíduo que não fala e agravado pelo facto do estudante de psicologia não ter domínio da língua de sinais quando você fala ele não percebe e quando ele fala não percebe torna se complicado interagir com a criança nessas condições deve recorrer a um interprete para poder comunicar -se e temos que ter em conta que e quase impossível encontrar interpretes em lingua de sinais nas escolas públicas (Pavlov)

Dificulta, vamos ao campo, excluimos o aluno com surdez, por não estarmos preparados para trabalhar a inclusão desta cadeira no currículo tornaria o psicólogo preparado para intervir. (Adler)

Impacta negativamente, porque se eu tivesse domínio não seria preciso, recorrer a outros mecanismos para facilitar a nossa comunicação o que tornava a nossa conversa muito lenta (klein).

Dificulta no nosso currículo deveria ter essa disciplina, muita das vezes por não termos domínio deixamos de conversar com aquele aluno não entendemos o seu mundo acabando excluído. (Wundt)

A não inclusão impacta negativamente umas das formas de conhecer o sujeito e através da comunicação e se na comunicação tivermos barreiras, estaremos limitados para trabalhar com crianças com deficiência auditiva (Skinner).

Tem um impacto negativo, porque necessidade educativa especial em si quer dizer incluir todos os alunos, no campo encontramos crianças surda, sem essa componente não conseguimos nos comunicar e não teremos como intervir (Roger)

Impacta negativamente e dificulta, umas das formas de conhecer o sujeito e através da comunicação e se na comunicação tivermos barreiras, estaremos limitados para trabalhar com crianças com deficiência auditiva. (Maslow)

Tem um impacto negativo pois se tivéssemos essa componente no nosso currículo a dificuldade que temos na interação com alunos com deficiência auditiva seriam reduzidos. (Piaget)

Impacta de forma negativa então no meu ponto de vista implementar a cadeira no nosso currículo, pois, agora é dada como conteúdo agora aprendemos durante pouco tempo e não acho suficiente aprender desta forma. (Watson)

Dificulta, se tivéssemos o básico acredito que não teria tantas dificuldades (Honey)
Cria lacuna. (Bolwlby)

Atrapalha, porque se não sei não terei como me comunicar, com conhecimento em língua de sinais sou mais inclusivo. (Alport)

Dificulta porque temos que recorrer a uma pessoa que tenha conhecimento em língua de sinais, deveria se no currículo como disciplina, eu particularmente aprendi um pouco na disciplina Intervenção Específica as NEE mas eu não achei, suficiente, porque foi durante pouco tempo tendo em conta que nessa disciplina tem outros conteúdos ministrados. (Beck)

Explicar as estratégias utilizadas pelos estudantes de Psicologia Escolar e Necessidades Educativas Especiais na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva.

- 3- Que as estratégias são utilizadas pelos estudantes de Psicologia Escolar e Necessidades Educativas Especiais na intervenção em casos de alunos com deficiência auditiva?

Para interagir tivemos que recorrer a intérpretes da instituição para auxiliar na tradução (Freud)

Usava gestos voluntários nada padronizado para relatar coisas pequenas que ele poderia perceber usava o celular recorria e a internet para mostrar imagens e ele percebia minimamente o que eu queria transmitir usava caderno para escrever e ele escrevia ao mesmo tempo (Bandura)

Tivemos que recorrer a um intérprete da escola que nem sempre encontrava se disponível, a presença da intérprete deixava a criança meio intimidada (Pavlov)

Meus colegas que fizeram o trabalho comigo inventavam gestos, para falar com as crianças porque ninguém do nosso grupo tinha noção de língua de sinais então para fazermos o trabalho tivemos mesmo que inventar gestos. (Adler)

Na conversa aquilo que não percebíamos, usávamos o celular para escrever. (Klein)

Faço uso da linguagem oral para expressar ideias sentimentos ou escrevo em cadernos e colocava para a criança ler , fazia alguns desenhos dependendo da informação que eu pretendia transmitir. Mas muitas vezes não era funcional porque acabávamos por não nos entendermos e levamos muito tempo para falar coisas básicas, as crianças apresentavam dificuldades na compressão de alguns gestos (Wundt)

Para interagir com o aluno tive que desenhar e escrever, tinha que escrever para o aluno ler e ele fazia o mesmo, mas essa forma era um pouco arcaica, então senti-me obrigada a fazer o curso língua de sinais, pois já via a necessidade de interagir com os mesmos porque por vezes notava que a presença da intérprete deixava a

criança meio intimidade. E quando vamos a escolas nas aulas práticas chegando no campo esperam que sejas capaz de trazer soluções para o caso das crianças com suspeita deficiência auditiva, por isso acho de extrema importância a inclusão dessa disciplina no currículo (Skinner)

Tivemos apoio de uma psicóloga que se encontrava na sala a interpretar o que os alunos diziam. (Roger)

Não foi feita a questão (Maslow)

Para interagir tive que pedir a um colega meu que tinha noções básicas em língua de sinais, traduzir o que ele queria dizer, para ser perceptível para mim. (Piaget)

Recorri linguagem gestual para me comunicar, o que eu não sabia como tinha intérprete da instituição, ele traduzia (Watson)

Não foi feito a questão (Honey)

Não foi feito a questão. (Bolwlby)

A maioria usava língua de sinais, o que não entendíamos para não ter que adivinhar o que ele queria dizer, pedíamos a um intérprete, quebrando desta forma o sigilo (Alport)

Recorria à linguagem gestual, mas nem tudo percebia, porque não tive uma formação tão intensiva (Beck)